

A história da Congregação Carlista contada pelo Livro Tombo I da Paróquia São Luiz Gonzaga em Casca/RS (1921-1959)

Fábio De Bastiani¹

Introdução

A Congregação dos Missionários (as) de São Carlos Borromeo – Scalabrinianos (as) (também conhecidos (as) como Carlistas) tem uma trajetória de mais de 100 anos de atuação junto aos migrantes no Brasil. Inicialmente atuando nos núcleos coloniais italianos na América, especialmente no Rio Grande do Sul, e atualmente no acompanhamento das migrações contemporâneas em várias regiões do Brasil e do mundo. Os padres e as irmãs Carlistas ao instalaram-se nas localidades promoviam a assistência religiosa, educacional e na saúde.

A presença da Congregação Carlista, o ramo masculino e o ramo feminino, na cidade de Casca tornou-se um marco para a população local, pois os (as) Scalabrinianos (as) atuaram em vários setores da vida social da localidade. Os Missionários Carlistas, bem como os sacerdotes de todas as Paróquias, tinham como prática o registro, nos Livros de Tombo, os acontecimentos que ocorriam na sua jurisdição eclesiástica. Porém, ao escrever o padre estava registrando a sua própria visão dos acontecimentos e da instituição católica. Muitos são os desafios para quem pesquisa nos Livros de Tombo. Um deles, é a grafia da época, muitas vezes quase ilegível, tornando-se um dos desafios do pesquisador ao utilizar essa tipologia de fonte histórica em seus trabalhos. Portanto, o Livro de Tombo I da Paróquia São Luiz Gonzaga, registrou em suas páginas muitos acontecimentos que não foram registrados em nenhum outro documento, tornando-se uma fonte impreciosa de pesquisa para os pesquisadores que buscam compreender algum acontecimento ou mesmo o desenvolvimento do município de Casca/RS.

¹ Graduado em História (2020) pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

1. João Batista Scalabrini e a criação das Congregações Carlistas

João Batista Scalabrini² estava inserido, nas últimas décadas do século XIX, em uma Itália marcada por profundas transformações econômicas, políticas e sociais. O processo de industrialização, que estava em desenvolvimento, acabou por destruir a pequena manufatura. Isso, somado ao fato de as famílias serem numerosas, provocou a falta de terras para os italianos trabalharem e a venda das mesmas para os grandes latifundiários e o êxodo rural. Nesse processo, soma-se a unificação italiana, que modificou as estruturas políticas do país – passando de províncias independentes e autônomas para se tornarem um único país. Para a população, que vivia nesse contexto de mudanças, emigrar era a busca de melhores condições de vida.

Para o Brasil, destino de milhares de italianos, interessava a chegada de imigrantes. As mudanças políticas, substituição do governo monárquico pelo regime republicano; no aspecto econômico, a transição de um sistema de latifúndio escravocrata para um sistema de pequena propriedade e mão-de-obra livre; e, na região Sul, a emigração para preencher os “vazios demográficos”, tornaram-se o “combustível” para que o governo brasileiro incentivasse a vinda dos migrantes para o país.

Scalabrini, acompanhando o cenário da imigração, começa a realizar ações por conta própria. Essas ações buscavam ter uma atuação mais concreta junto aos imigrantes. Desse modo, o bispo cria a Congregação dos Missionários de São Carlos Borromeo³ – Scalabrinianos, em 28 de novembro de 1887, em Placência, Itália. Em seguida, o bispo funda a Sociedade São Rafael, formada por pessoas leigas, que tinha como principal finalidade acompanhar e instruir os emigrantes na hora do embarque nos navios. E por fim, em 25 de outubro de

² Nascido em Fino Mornasco, na cidade de Como (Itália), no dia 08 de julho de 1839. Foi ordenado sacerdote, no dia 30 de maio de 1863. Começou o seu trabalho sacerdotal na cidade de Como, primeiro como professor e diretor do seminário diocesano, em seguida, como pároco na periferia da cidade, habitada quase na totalidade por operários da indústria têxtil. No início de 1876, foi escolhido para ser Bispo da Diocese de Piacenza. Morreu com 65 anos de idade, no dia 1º de junho de 1905.

³ São Carlos Borromeu (1538 – 1584), padroeiro dos Missionários, foi arcebispo de Milão e cardeal. Foi o primeiro bispo a fundar seminários para formação de padres, além de promover sínodos diocesanos e de ser um grande conhecedor da doutrina católica.

1895, funda a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas. As Congregações surgiram com o objetivo primário de

atender às principais necessidades dos imigrantes – materiais e morais. Uma série de medidas seriam tomadas pelas Associações [Congregações], sendo que a primeira delas seria defender os imigrantes dos exploradores, dos comerciantes de carne humana, que agenciavam desonestamente as viagens para a América (OLIVEIRA, 2009, p. 105).

Porém, além desse objetivo, Scalabrini buscava, através do seu atendimento aos que emigravam, promover

“Religião e Pátria”, o entendimento era de que ao migrar a intensidade das confrontações com o novo, o impacto com o diferente e o diverso poderia afastar os católicos de sua fé. Assim, Scalabrini propunha que os emigrados fossem acompanhados e/ou recebidos em seus destinos por missionários que os acolhessem, reforçando a fé pela manutenção das práticas culturais próprias dos espaços de proveniência. Assim, os missionários foram orientados a pregar nas missas e ministrar os sacramentos, além de criar escolas e difundir jornais católicos. Assim, o intuito foi manter os laços de pertencimento com a pátria por meio do entorno cultural inclusive com a língua para que o sentido da religiosidade, do catolicismo também fosse preservado (LUCHESE; MATIELLO; BARAUSSE, 2019, p. 1423).

No ano seguinte, 1888, os Missionários Carlistas⁴ partem para a América. Esse primeiro grupo, formado inicialmente por cinco missionários, se dividiu em dois grupos, um destinado para a América do Norte e outro para a América do Sul, especificamente para o Brasil. As primeiras expedições para o Brasil “foram orientadas para as regiões de colonização italiana, tendo como prioridade inicial o Paraná e o Espírito Santo” (AZZI, 1987, p. 19). Em seguida, os Missionários passaram a atender regiões do Estado de São Paulo, em 1895, tendo a fundação do Orfanato Cristóvão Colombo⁵ como principal obra dos Missionários e a concretização de sua presença no Brasil. A vinda dos Missionários Carlistas para o Rio Grande do Sul ocorreu em 26 de fevereiro de 1896. A chegada no Sul do Brasil ocorreu depois que colonos italianos residentes na colônia Alfredo Chaves⁶ encaminham uma carta ao Bispo João Batista Scalabrini solicitando um missionário para atender a freguesia. Salienta-se que nesse período da criação da Congregação dos Padres Carlistas “constituiu o apogeu da criação de novas ordens e congregações religiosas em nível mundial - além da restauração das já existentes” (SEIDEL, 2003, p. 90).

A chegada dos Missionários Carlistas ao Rio Grande do Sul colaborou com o projeto reformista⁷ do Bispo Dom Cláudio José Ponce Leão⁸ que

⁴ Os Missionários de São Carlos Borromeo – Scalabrinianos também são conhecidos como Missionários Carlistas devido ao seu padroeiro São Carlos Borromeo.

⁵ Para saber mais sobre o Orfanato Cristóvão Colombo, ver em: LOPES, Idileini Corrêa. *No alto da colina e na sombra da história: educação de meninas e meninos no orfanato Cristóvão Colombo (1895-1953)*. 2015. 282 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2015.

⁶ A colônia Alfredo Chaves atualmente é constituída pela cidade de Veranópolis e cidades ao entorno.

⁷ As reformas propostas por Dom José Ponce Leão buscavam reforçar e defender o poder e as prerrogativas do papa em matéria de fé e disciplina. Esse movimento, conhecido como reformas ultramontanistas, desejava uma maior independência da Igreja em relação ao governo, mas não a ponto de uma separação. Também apresentava um forte caráter clerical, ou seja, afastar o leigo das atividades religiosas e colocar o padre no lugar.

⁸ Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, CM (1841-1924) foi nomeado, em 1881 por Dom Pedro II, Bispo de Goiás. Em 26 de junho de 1890 foi nomeado Bispo da Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, sendo que em 15 de agosto de 1910, com a elevação da Arquidiocese de Porto Alegre, Dom Claudio tornou-se o primeiro arcebispo de Porto Alegre.

procurava apoio de Congregações estrangeiras. Essa união tinha como “metas principais [...] a reforma do clero e do povo. Estando grande parte do clero brasileiro envolvido com a política, e sendo poucos os que observavam o celibato, o bispo julgava que somente com a colaboração de religiosos europeus seria possível implantar e consolidar a reforma tridentina no país” (AZZI, 1987, p. 307). Essas reformas são consolidadas e ampliadas com a chegada, em 1º de agosto de 1912, de Dom João Becker⁹ que procurava prestigiar o clero europeu que se instalava na região Sulina, porque as Congregações iriam “manter viva a chama do catolicismo romanizado, buscando ao mesmo tempo que os núcleos coloniais permanecessem fiéis à sua identidade étnica de origem. Sob esse aspecto, apoiou a atividade escalabriniana” (AZZI, 1988, p. 215).

A chegada de novas Congregações religiosas ao Rio Grande do Sul foi oportunizada pelo

próprio contexto político e cultural europeu era muito favorável à saída de religiosos, dados os litígios entre Igreja e Estado exacerbados pela *Kulturkampf* (“guerra de culturas”) e subsequente expulsão dos jesuítas na Alemanha bismarckiana, pelos entraves do regime concordatário francês, pelas perdas dos estados pontificais e os conflitos que se seguiram no processo de unificação da Itália (SEIDL, 2003, p. 89/90)

Assim,

com o afluxo contínuo de imigrantes alemães, italianos e outros e, com os reforços constantes que as ordens e congregações recebiam, estava posta a base logística para o Projeto da Restauração Católica. Todo esse contingente

⁹ Dom João Batista Becker (1870-1946) foi nomeado, em 1908 pelo Papa Pio X, como primeiro bispo de Santa Catarina. Foi nomeado Arcebispo de Porto Alegre no dia 1º de agosto de 1912.

humano: imigrantes saídos de uma Igreja restaurada na Europa, religiosos e clero inteiramente comprometidos com o projeto de Igreja definido no Concílio de Trento, reafirmado pelo Concílio Vaticano I e divulgado pelos documentos pontifícios de Pio IX, Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI e no início do pontificado de Pio XII, sempre sob a autoridade incontestada do Sumo Pontífice, formava a base sólida para que o projeto alcançasse o êxito esperado (RAMBO, 2002, p. 292).

Uma das atividades incentivadas pelos bispos era a abertura de escolas e Seminários. Os Missionários e Missionárias Carlistas buscavam, ao se instalarem nas regiões de colonização, abrirem escolas, seminários e hospitais. Em muitas ocasiões, a vinda dos Carlistas era solicitada pelos bispos ou párocos locais, que registravam as negociações e as atividades que seriam desenvolvidas pela Congregação Scalabriniana nos Livros Tombo da Paróquia. Assim, os Livros Tombo constituem-se como fontes documentais importantes, porque carregam em suas páginas o cotidiano, atravessado tanto pela fé como pelas tensões, os conflitos e os atritos da comunidade.

2. Os Livros de Tombo: registrando a história local

Os livros de Tombo são importantes fontes para compreender a história de determinada localidade, porque “apresentam apontamentos, conclusões e análises sociais realizados por padres e religiosos sobre acontecimentos e fatos transcorridos na história local” (FRAZEN; MAYER, 2016, p. 79). Os registros paroquiais presentes nos Livros de Tombo são diversos, constituindo-se desde registros de batismo, casamentos, óbitos, festas, passagem de bispos pela localidade e percepções dos padres sobre eventos ocorridos a nível nacional ou internacional.

Os eventos ou as tensões ocorridas na localidade, em muitas ocasiões, eram registradas pelo pároco. Também, é possível encontrar as previsões do sacerdote que assumia a Paróquia e as impressões, na ótica do padre, da comunidade que fazia “o possível para influir na decisão de mudança de um

pároco ou de um capelão, tentando conservar aos que a satisfaziam e desfazendo-se dos que não gostavam” (LONDONÑO, 1994, p. 103). Assim, em suas páginas os Livros de Tombo carregam o olhar dos bispos, visitantes e dos párocos. Essa hierarquia eclesiástica escrevia sobre as suas preocupações e a atuação na comunidade. Assim, surge uma “história oficial”, predominante nas áreas de colonização europeia, preocupada em registrar os trabalhos da Igreja Católica.

Os sacerdotes, ao registrarem no Livro de Tombo, estavam registrando as suas tarefas, que iam além do atendimento religioso, porque “consideravam-se responsáveis pelo amparo moral [e] educacional [...] da população, surgindo daí a necessidade dos registros e do acompanhamento das condições de vida na colonização” (FRAZEN; MAYER, 2016, p. 86). Porém, o acesso a essas fontes é muitas vezes complicado. As dificuldades ocorrem por diversas situações, como: falta de organização e de espaço para a pesquisa, condições físicas da fonte e, principalmente, do caráter quase confidencial. Em muitas ocasiões o pesquisador não tem acesso ao Livro Tombo porque há restrições, em função de algumas informações ou fatos que são de uso interno da Paróquia ou mesmo para preservar pessoas que são citadas nas passagens do registro paroquial.

Por serem documentos escritos por um membro de uma instituição, no caso religiosa, os Livros de Tombo necessitam de cautela e prudência ao realizarmos a análise histórica. Isso ocorre, porque trata-se

de um registro paroquial, os apontamentos estão carregados de conjunções de ordem moral e comportamental. Ou seja, é um ponto de vista de alguém sobre determinado acontecimento e dependendo da leitura e da perspectiva que se dá sobre determinado acontecimento pode-se cair em um casuísmo ou até mesmo em um julgamento de valor. É preciso sempre estar atento ao momento histórico e ao contexto em que se vivia (FRAZEN; MAYER, 2016, p. 87).

Portanto, apesar das dificuldades de acesso e de leitura, além da necessidade de interrogar e colocar o registro histórico no período histórico em

que foi escrito e da instituição em que ele está representado, os Livros Tombos são importantes fontes de pesquisa para os pesquisadores que pretendem compreender a história local.

3. O Livro Tombo I da Paróquia São Luiz Gonzaga na cidade de Casca/RS e os Carlistas

O Livro Tombo I da Paróquia São Luiz Gonzaga, começou a ser escrito em 1912 e tem o seu encerramento em 1959. Porém, os primeiros registros não estão mais escritos no Livro Tombo. Isso ocorreu devido um conflito envolvendo um dos primeiros párocos da localidade e uma das famílias mais influentes da Vila. O fato ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial (1914), quando os descendentes de italianos da Vila de Casca comemoravam a vitória no conflito. O pároco da localidade, que era alemão, pediu para que os ânimos fossem acalmados e respeitassem os descendentes das nações que saíram perdedoras na Primeira Guerra Mundial. Porém, um dos comerciantes da localidade hostilizou e agrediu verbalmente e fisicamente o sacerdote, que, contam as histórias populares, amaldiçoou a família do agressor e registrou o ocorrido no Livro Tombo. Anos mais tarde, um dos descendentes dessa família envolvida no ocorrido, levou o Livro Tombo para casa e acabou cortando as primeiras páginas do livro, apagando o registro do ocorrido e outros acontecimentos. Assim, os registros começam somente em 1921, quando o Padre Scalabriniano Aneto Bogni¹⁰ assume a paróquia.

¹⁰ Nascido em Lombardore no dia 28 de dezembro de 1890, formou-se e ordenou-se sacerdote no Seminário diocesano de Ivrea, no dia 29 de maio de 1915. Durante cinco anos e meio permaneceu ligado à diocese, exerceu as atividades sacerdotais em Locana e Noasca. Em 1920, foi convidado pelo amigo e conterrâneo Pe. João Costanzo e pelo Pe. Pacífico Chenuil, supervisor geral do Instituto Scalabriniano, a ingressar na Congregação. Depois de conseguir a permissão do bispo diocesano, em 23 de fevereiro de 1921 ingressou na Congregação e no dia 25 de fevereiro do mesmo ano partiu ao Brasil. Além de pároco na cidade de Casca, Pe. Aneto presidiu as paróquias nas cidades de Cotiporã (1939 – 1942); Nova Bassano (1942 – 1943) e Protásio Alves (1943 – 1950). Também foi eleito superior dos religiosos Scalabrinianos no Rio Grande do Sul (1925 – 1931) e diretor do jornal *II Corriere d'Italia*. Na manhã do dia 08 de abril de 1950, enquanto celebrava uma missa, Pe. Aneto sofreu uma hemorragia cerebral e caiu, batendo a cabeça no pavimento da Igreja de Protásio Alves. Levado ao hospital de Nova Bassano, não resistiu e faleceu no dia 13 de abril de 1950, com 59 anos.

Apesar de não haver mais esses primeiros registros, o que se torna uma lacuna histórica da localidade, a partir da posse do Pe. Aneto os registros tornam-se frequentes. Assim, o cotidiano, fatos e ocorrências a nível regional, nacional ou mundial são registrados pelos Padres Carlistas. Destaca-se, entre as várias ocorrências registradas, as obras de assistência religiosa e educacional da Congregação Carlista.

O primeiro registro de uma construção Carlista, ocorreu com a construção do prédio atual da Paróquia São Luiz, ainda durante o ano de 1921. Os líderes da comunidade e o pároco sentiam a necessidade de construir um novo templo. Assim, Pe. Bogni, pouco a pouco, vai angariando fundos para a construção. Depois de alguns anos coletando fundos, em novembro de 1924 foi contratada a firma Ghiringhelli & Zanin, de Porto Alegre, com a finalidade de realizar a armação e amarração de toda a escultura interna e externa da Igreja.

Figura 1 - Construção da Igreja São Luiz (década de 192-)



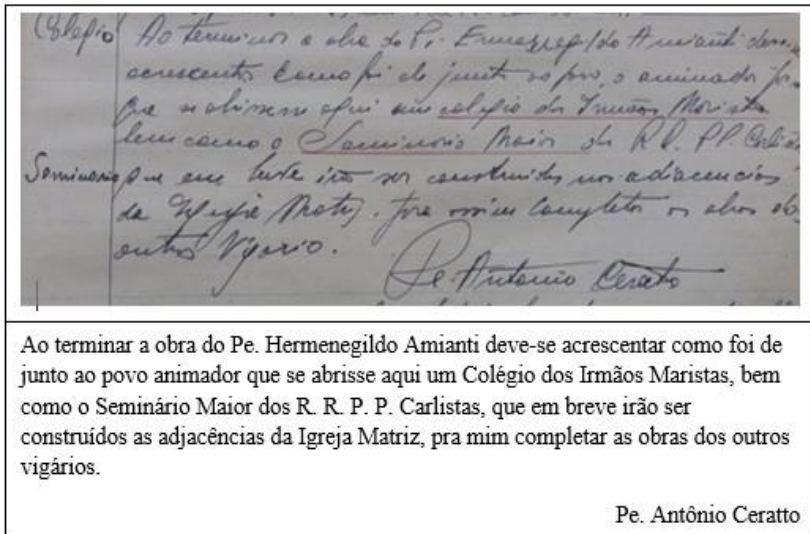
Fonte: Gelatti (1985, p. 46).

No dia 14 de abril de 1929, quatro anos após o início da construção do templo, a nova Igreja da Paróquia São Luiz Gonzaga, em estilo neogótico¹¹,

¹¹ As principais características da arquitetura neogótica são o verticalismo dos edifícios; utilização de arcos de volta quebra - arcos ogivais; janelas predominantes - vitrais;

estava pronta. Na inauguração do templo “muitas autoridades e mais de 4.500 pessoas, precedentes de todas as colônias novas da região, vieram à festa” (GELATTI, 1985, p. 48). O segundo registro de construção, ocorreu com as obras de construção do Seminário Scalabriniano São Rafael, que iniciaram em 1947 com a mudança do Pároco local.

Figura 2 – Primeiro registro da construção do Seminário São Rafael



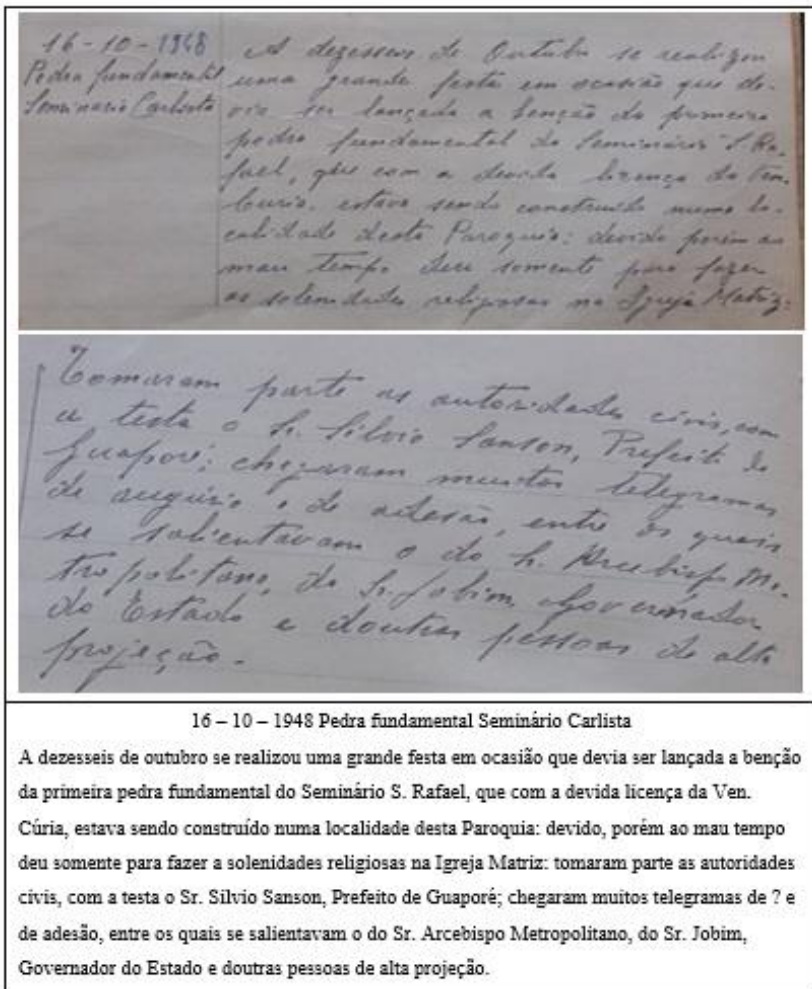
Fonte: Livro Tombo, 30/03/1947, p. 59.

rosáceas, paredes mais leves e finas; contrafortes em menor número; torres ornadas por rosáceas; consolidação dos arcos feita por abóbadas de arcos cruzados ou de ogivas; abóbada de nervuras. No Rio Grande do Sul o neogótico foi o estilo preferido para a construção de uma infinidade de capelas e templos, especialmente nas regiões de colonizações italiana e alemã, entre fins do século XIX e começo do século XX.

Nesse registro, o sacerdote, Pe, Ceratto, realizou um levantamento das obras realizadas e as que ficaram para serem concluídas enquanto o Pe. Amianti era pároco da localidade. Assim, em 1948, com coordenação do Pe. Antônio Cerrato¹² iniciaram as escavações das bases e coube ao Pe. Emílio Rosa a tarefa de orientar os trabalhos de construção do prédio. O terceiro registro diz respeito a benção da pedra fundamental do Seminário.

¹² Nascido no dia 11 de fevereiro de 1914 em Fonzaso, Província de Belluno, Itália. Filho de Antônio Cerato e Caterina Maria Pescador. Em Piacenza, no dia 29 de junho de 1937, foi ordenado sacerdote e destinado a ser missionário no Brasil. Ao chegar ao Brasil, 07 de setembro de 1938, foi encaminhado para a Paróquia São Pedro, em Encantado/RS, onde ficou até o dia 12 de janeiro de 1942. Em seguida, trabalhou nas Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Nova Bassano/RS, (1942-1944); Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Sarandi/RS, (1944-1946); Paróquia São Luiz, em Casca/RS, (1947-1948); Paróquia São José do Patrocínio, em Itapuça/RS, (1948-1949); Paróquia Santa Bárbara, em Anita Garibaldi/SC, (1950-1950); Paróquia São Sebastião, em Erval Velho/SC, (1950-1954); Paróquia São Carlos, em Anta Gorda/RS, (1954-1955); Paróquia São João Batista, em Nova Brésia/RS (1955-1956); Paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Pulador/ RS (1956-1958); Paróquia Nossa Senhora da Purificação, em Putinga/RS (1959-1963); Paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Protásio Alves/ RS (1964-1973); Pároco em Marari/SC (1973-1976); Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Campos Novos/SC (1976-1978); Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Sarandi/RS (1979-1980); Paróquia São José Operário, Foz do Iguaçu/PR (1981); Paróquia São Cristóvão, Cascavel/PR (1981-1986). Em 1989, ficou por um tempo residindo no asilo para idosos em São Miguel do Iguaçu/PR e em 1991 foi morar na casa paroquial. Nos últimos dois anos exerceu seu ministério sacerdotal como capelão no Hospital Nossa Senhora de Lourdes em Nova Bassano/RS, e veio a falecer no dia 07 de janeiro de 1999, aos 84 anos de idade.

Figura 3 – Benção da Pedra Fundamental do Seminário São Rafael



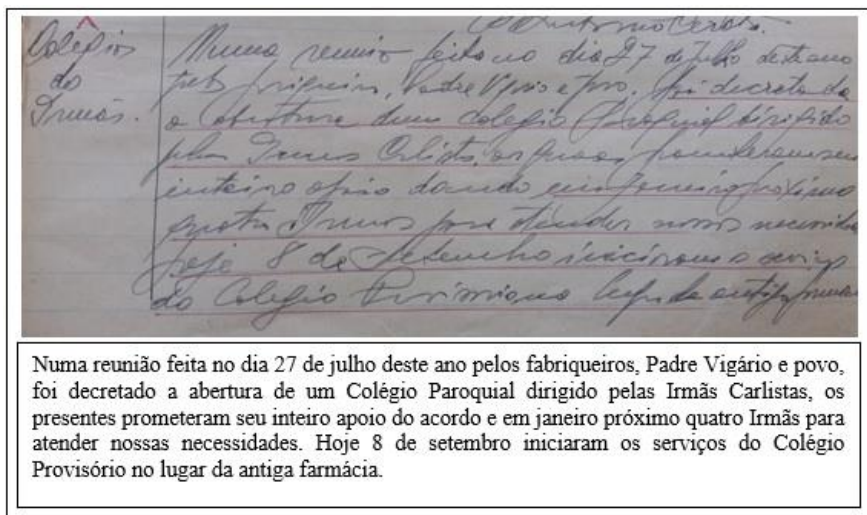
Fonte: Livro Tombo I, 16/10/1948, p. 60.

Com a presença de autoridades eclesiais e civis, foi realizado o ato de benção da pedra fundamental do Seminário, que ocorreu dentro da Igreja

Matriz devido ao mal tempo. A solenidade externa ocorreu no dia 19 de dezembro de 1948. No ano de “1951, mesmo o prédio estando em fase de acabamento, chegaram as primeiras turmas de aspirantes ao sacerdócio. Alguns recebiam aulas de curso filosófico, outros de primeiro ginásio e outros de segundo preliminar” (GELATTI, 1985, p. 52). Esses primeiros aspirantes encontraram o prédio sem as janelas, os pisos e as portas. Estes acontecimentos marcaram a localidade e os Missionários Carlistas, sendo fatos que são lembrados pela população e estão registrados no Livro Tombo da Paróquia.

Mas além dos Padres Scalabrinianos, as Irmãs Carlistas também estiveram presentes na história da atual cidade de Casca. Convidadas a dirigirem o Colégio Paroquial, pelo pároco da época, elas chegaram à cidade no dia 04 de julho de 1948. Porém, o Livro Tombo já registrava as tratativas com a comunidade casquense e com as autoridades dentro da Congregação das Irmãs.

Figura 4 – Registro da reunião (27 de julho de 1947)

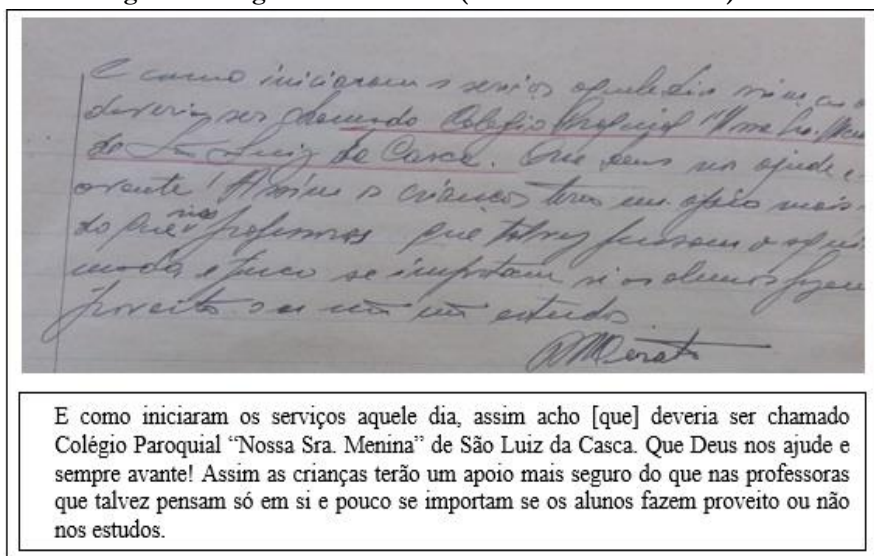


Fonte: Livro Tombo I, 27/07/1947, p. 58.

O dia 08 de setembro de 1947 marca o início dos preparativos do lugar onde as Irmãs Carlistas iriam instalar-se e abrir o Colégio Paroquial. O local

escolhido era o antigo casarão, localizado logo abaixo da Igreja Matriz, que anos antes havia servido para abrigar a farmácia. Cabe destacar que o Pe. Antônio Cerato e as lideranças da comunidade solicitavam a presença das Irmãs na comunidade casquense porque havia “preocupação com a manutenção do vínculo com a cultura italiana, sendo a escola e, mais especificamente, o ensino religioso [...] mas também a fé católica, um importante meio de garantir esse fim” (MATIELLO, 2019, p. 103). Apesar da escola Paroquial nunca ter ministrado as aulas em italiano, o Pe. Ceratto se preocupava com o ensino ofertado pelas escolas do povoado. Isso fica evidente no trecho final do registro do Livro Tombo do dia 08 de setembro de 1947.

Figura 5 – Registro da Reunião (08 de setembro de 1947)



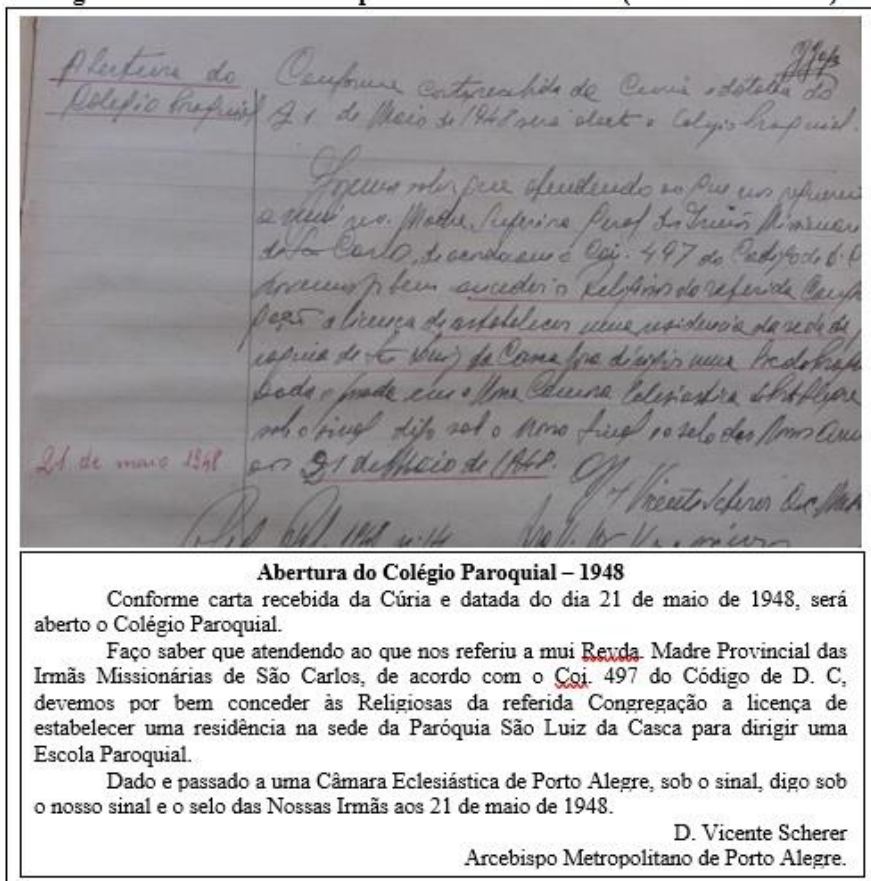
Fonte: Livro Tombo I, 08/09/1947, p. 58.

Além da preocupação com a educação das crianças, percebe-se que o primeiro nome pensado para o Colégio seria de “Nossa Senhora Menina”¹³ de

¹³ A devoção à Nossa Senhora Menina, trazida pelos imigrantes italianos à cidade de Casca, remonta à Maria Bambina padroeira da cidade de Milão, na Itália.

São Luiz da Casca”. A data comemorativa é o dia 08 de setembro, coincidentemente, mesmo dia que começaram os preparativos para a vinda das Irmãs. Não foi possível saber o motivo do nome não ter sido adotado. Ao final, a escola foi chamada de Colégio Paroquial de São Luís, em homenagem ao Padroeiro da Paróquia. Com os preparativos organizados, Pe. Cerato apressou-se em entrar em contato com o Governo Provincial das Irmãs de São Carlos, em Caxias do Sul, que na época tinha Madre Nazaré Machado como responsável, solicitando as Irmãs para cuidarem e lecionarem no Colégio Paroquial. A Madre Nazaré buscou providenciar a autorização do Governo Geral, que tinha Madre Borromea Ferraresi como superiora. Também buscou obter a ereção canônica da nova comunidade através do Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, que assim se manifestou no dia 21 de maio de 1948:

Figura 6 – Carta do Arcebispo Dom Vicente Scherer (21 de maio de 1948)

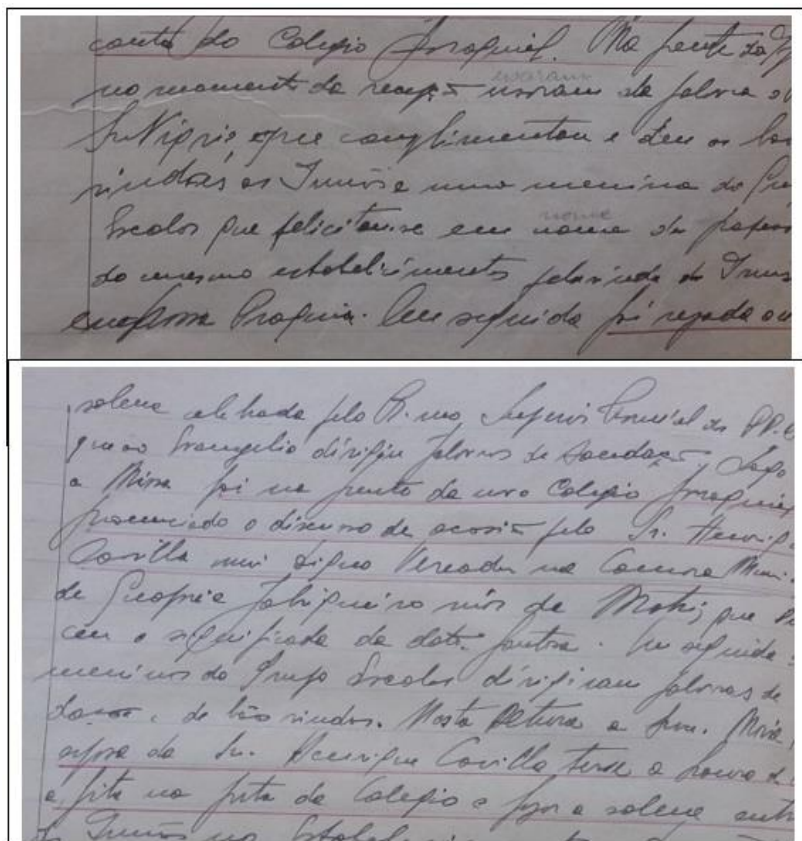


Fonte: Livro Tombo I, 21/05/1948, p. 61.

Assim, depois de conseguir a autorização das Irmãs e do Arcebispo de Porto Alegre, o Colégio Paroquial estava pronto para receber as Irmãs. No dia 04 de julho de 1948, com a presença do Superior Provincial dos Padres Carlistas, Pe. Rinaldo Zanzotti e a Superiora Provincial das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Irmã Nazaré Machado, foram recebidas as quatro primeiras Irmãs Carlistas para dirigirem o Colégio Paroquial, sendo elas: Ir.

Sabina Giollo, Ir. Alzira Slomp, Ir. Ernesta Zanchet e Ir. Flávia Zampese. Pe. Cerato registrou no Livro Tombo da Paróquia de São Luiz a presença de várias pessoas na abertura da escola.

Figura 7 – Registro da Abertura do Colégio Paroquial (04 de julho de 1948)



Na frente da Igreja no momento da recepção, usaram da palavra o Revmo. Pe. Vigário, que cumprimentou e deu as boas-vindas as Irmãs e uma menina do Grupo Escolar, que felicitou-as em nome das professoras do mesmo estabelecimento pela vinda das Irmãs, conforme profecia. Em seguida, foi rezada uma Missa celebrada pelo Revdo. Superior Provincial dos P.P. Carlistas que ao Evangelho dirigiu palavras de saudações. Logo após a Missa, foi na frente do novo Colégio Paroquial, pronunciado o discurso de ocasião pelo Sr. Henrique Caovilla, mui digno Vereador na

Fonte: Livro Tombo I, 04/07/1948, p. 60/61.

Como se pode perceber, o momento da chegada das Irmãs, foi marcada por uma série de rituais que buscavam festejar e marcar a data para a população. Destaca-se que durante “à noite um grupo de alunas internas do Ginásio Mons. Scalabrini de Guaporé apresentaram um grandioso festival que foi de agrado geral” (LIVRO TOMBO I, 04/07/1948, p. 62). Na abertura do Colégio, pessoas da comunidade, que haviam doado valores mais elevados de dinheiro para as reformas no Colégio Paroquial, serviram de padrinhos. Também foram feitas doações da população. Ao final, foi arrecadada a quantia “de 3.034 (três mil e trinta e quatro cruzeiros)” (LIVRO TOMBO I, 04/07/1948, p. 63).

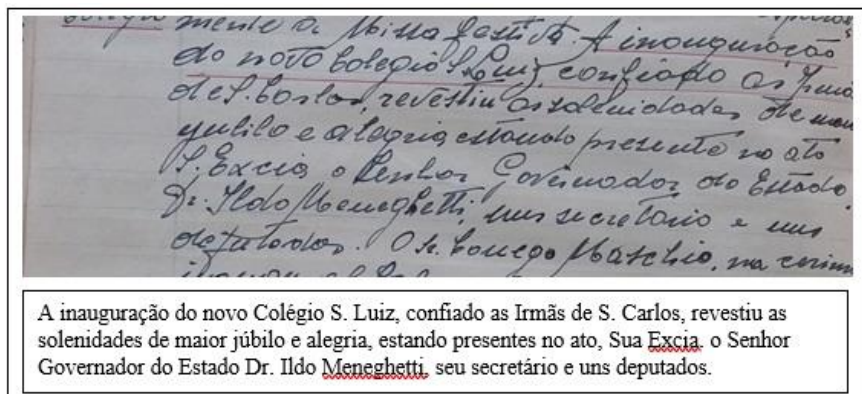
Os registros seguintes, dizem respeito a construção do novo prédio. Em 1952, iniciaram as reuniões para a construção do novo prédio para abrigar o Colégio Paroquial. O pároco, na ocasião, o Pe. Emilio Delmi encarregou o arquiteto italiano, Pedro Cescon, que residia em Sarandi, para apresentar um anteprojeto. O arquiteto apresentou um projeto em estilo gótico, que não agradou o pároco. Logo em seguida, Cescon adoeceu o que provocou o atraso da obra por quase um ano. Depois é apresentado outro projeto que “era bonito, embora enorme: podia-se construir uma parte só, todavia. O povo e os fabriqueiros gostavam, mas eram necessárias algumas modificações” (LIVRO TOMBO I, 1952, p. 73 v.).

Nesse mesmo registro, o pároco comenta sobre a formação de uma Comissão, que ficaria responsável pelo planejamento da construção do prédio. Essa comissão era mista, formada por políticos do Partido Social Democrático (PSD), Partido Republicano Brasileiro (PRB) e pelo Partido Trabalhista

Brasileiro (PTB), que não conseguiam chegar a um consenso, porque “um(s) porém eram violento(s) e politiqueiro(s) demais” (LIVRO TOMBO I, 1952, p. 73 v.). Ao final, o Pe. Delmi comenta que parte dessa comissão “apresentou outro esboço, muito simples, dizendo que aquelas colunas e coluninhas (e outros elementos arquitetônicos) do primeiro projeto teriam comido só todo o dinheiro...” (LIVRO TOMBO I, 1952, p. 73 v.). Mas o projeto não foi aprovado pela Cúria. Assim, ao chegar final do ano de 1952 e não havia consenso entre a comissão sobre a planta da construção. Segundo o pároco, se a comissão “~~não~~ [fizesse] só nada, ainda bem: mas todo o trabalho de uns chega finalmente a parir conselhos incompetentes, com pretensão de impostos, unida a obstinação e malandrice dos recém-chegados” (LIVRO TOMBO I, 1952, p. 74, grifo do autor). O impasse, nesse momento, ocorria porque alguns políticos da comissão queriam entregar toda a estrutura que iria ser construída, para o funcionamento do Colégio, para as Irmãs; já o pároco e os fabriqueiros, queriam um espaço para o funcionamento “das Associações Religiosas, retiros fechados, aulas de catecismo e recreatório festivo feminino. Para a mocidade masculina tem lugar para abaixo da Igreja” (LIVRO TOMBO I, 1952, p. 74). Ao final, a Comissão acabou ganhando.

Depois de tantos impasses, durante a Festa do Padroeiro São Luiz e de Santo Antônio, entre os dias 21 e 22 de junho de 1956, houve a inauguração do novo prédio do Colégio Paroquial, que está registrada no Livro Tombo.

Figura 8 – Inauguração do Prédio do Colégio São Luís (21 e 22 de junho de 1956)



Fonte: Livro Tombo I, 21 e 22/06/1956, p. 88 v.

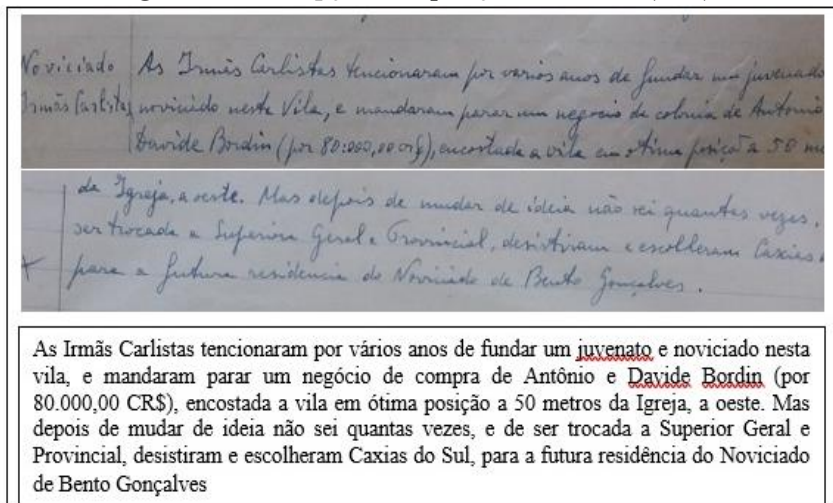
Além da presença do governador do Estado, Ildo Meneghetti, e de alguns deputados, o Pe. Cônego Guilherme Máschio, que foi enviado para representar o Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, enviou uma carta felicitando o povo de Casca e a Paróquia São Luiz pela construção do Prédio do Colégio São Luís.

Outro registro que merece destaque, e a possibilidade, que se tornou realidade por um curto período, da cidade de Casca abrigar o Noviciado da Congregação das Irmãs Carlistas. A iniciativa da população casquense em querer instalar o Noviciado na cidade, ficou registrada na formação de uma Comissão, ainda em 1948, que ficou responsável pela compra das terras para a construção do prédio do Noviciado. Não foi possível localizar os nomes das pessoas que formavam a Comissão e nem registros de reuniões realizadas.

A compra do terreno acabou, por um período de tempo relativamente curto, concretizando a vinda do Noviciado para a Vila de Casca. Em março de 1949, a Madre Geral, Borromea Ferraresi, solicitou “à congregação Consistorial autorização para a compra de um terreno situado no atual município de Casca e adequado também à casa de formação (SIGNOR, 2007, p. 131). Porém, a congregação consistorial acabou impedindo a superiora de adquirir o terreno, porque a Congregação iria contrair uma dívida. O negócio que havia sido

firmado em janeiro de 1949 pela Comissão teve que ser desfeito. O Noviciado acabou sendo instalado em Caxias do Sul, com “a autorização de Dom Benedito Zorzi, Bispo de Caxias do Sul, em portaria de 16 de dezembro de 1952” (SLOMP; BARBIERI, 1997, p. 82). O pároco da Paróquia São Luiz, na ocasião Pe. Emilio Delmi, registrou no livro Tombo, já no ano de 1952, o desfecho do negócio.

Figura 9 – Interrupção da aquisição do terreno (1952)



Fonte: Livro Tombo I, p. 74/75 v.

Portanto, o Livro de Tombo I da Paróquia São Luiz Gonzaga de Casca, registrou em suas páginas os principais acontecimentos envolvendo os ramos masculinos e femininos da Congregação Carlita. Também, é possível encontrar registros sobre muitos outros acontecimentos que ocorreram na região, como: os grupos religiosos da Paróquia, as negociações para a instalação da Congregação Marista, a passagem dos gafanhotos, entre outros. O Livro de Tombo também registra as opiniões dos párocos sobre assuntos mais delicados envolvendo política e economia, a nível federal e nacional.

4. Considerações finais

Ao analisarmos os Livros de Tombo percebemos a riqueza de informações que eles carregam e que são de grande importância para a compreensão da história local. É possível, ao analisarmos o seu conteúdo, compreender como se desenvolveram determinadas atividades ou como iniciaram e terminaram acontecimentos que marcaram a localidade. Deve-se tomar o cuidado ao interpretar os seus escritos, porque carregam as impressões de quem escreveu e da instituição a quem essa pessoa está representando.

Portanto, ao ter em mãos essas fontes o pesquisador conseguirá, com auxílio de sua experiência e de outros documentos, realizar inúmeros trabalhos. Conservar, abrir ao acesso dos pesquisadores e público e escrever trabalhos utilizando essas fontes documentais, enriquece a descoberta e torna público muitas informações sobre a história local.

Fontes

ACERVO DO ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCA – Casca/RS.

LIVRO TOMBO número 1 da Paróquia São Luís Gonzaga de Casca/RS (1912-1959).

Referências

AZZI, Riolando. *A Igreja e os migrantes: a fixação da imigração italiana e a implantação da obra escalabriniana no Brasil (1904-1924)*. v. 2. São Paulo: Paulinas, 1988.

FRAZEN, Douglas Orestes; MAYER, Leandro. Os registros paroquiais como fonte de pesquisa para a História da Educação (1926-1938). *Revista do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina*, Chapecó, v. 29, n. 44, p. 79-87, jun. 2016.

GELATTI, Roque. *Casca ontem e hoje*. Casca: Instituto Social P. Berthier, 1985.

LONDONO, Fernando Torres. Cotidiano paroquial e Livros de Tombo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 2, n. 7, p. 95-103, abr./jun. 1994.

LUCHESI, Terciane Ângela; MATIELLO, Marina; BARAUSSE, Alberto. Religiosa, imigrante, mulher: Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu – Scalabrinianas num olhar transnacional (1895-1917). *Revista Diálogo da Educação*, Curitiba, v. 19, n. 63, p. 1418-1445, out./dez. 2019.

MATIELLO, Marina. *Religiosidade, etnicidade e educação: a presença das Irmãs Carlitas- Scalabrinianas no Rio Grande do Sul (1915 – 1948)*. 2019. Tese. 285 f. (Doutorado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

OLIVEIRA, Lúcia Helena. *Educação Scalabriniana no Brasil*. 2009. Tese. 249 f. (Doutorado em Educação) Pós-Graduação em Educação, Universidade de Campinas, São Paulo, 2009.

RAMBO, Arthur B. Restauração católica no Sul do Brasil. *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 36, p. 279-304, 2002.

SEIDL, Ernesto. *A elite eclesiástica do Rio Grande do Sul*. 2003. Tese. 463 f. (Doutorado em Ciência Política) Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SIGNOR, Lice Maria. *Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas – 1934-1971*. Brasília: CSEM, 2007.

SLOMP, Ivo Albino; BARBIERI, Irmã Lia. *Percorrendo caminhos: Província Imaculada Conceição*. Caxias do Sul: Lorigraf, 1997.